

SUPER INTERESSANTE

EDIÇÃO BIBLIOTECA



OS PRIMEROS PORTUGUESES

PRÉ-HISTÓRIA NO TERRITÓRIO DE PORTUGAL

SUPER INTERESSANTE HISTÓRIA

Maio de 2025

Direção **Carmen Sabaleta** (csabaleta@zinetmedia.es)



REDAÇÃO

Redatora chefe **Cristina Enríquez** (cenriquez@zinetmedia.es).
Coordenação de design **Óscar Álvarez** (oalvarez@zinetmedia.es).

REDAÇÃO EM MADRID

C/ Alcalá, 79. 1º A. 28009 Madrid; Teléfono +34 810 583 412.

Colaboradores: **José Eduardo Franco** (coordenador geral),
João Luís Cardoso (coordenador científico deste número),
Nuno Bicho, João Cascalheira, Célia Gonçalves,
António Faustino de Carvalho, Nuno Neto, Paulo Rebelo,
António M. Monge Soares, Raquel Vilaça, Tempus Art.

Consultora **Marta Ariño**
Diretor Geral Financeiro **Carlos Franco**
CRO (Diretor Comercial) **Alfonso Juliá** (ajulia@zinetmedia.es).
Brand manager **Marta Espresate** (mespresate@zinetmedia.es)

DISTRIBUIÇÃO:

VASP – Distribuição e Logística, S.A.
A Super Interessante é uma publicação
registada na Entidade Reguladora
para a Comunicação Social com o n.º 118 348.
Depósito legal: 122 152/98.



© Zinet Media Global, S.L. Esta publicação é propriedade exclusiva da Zinet Media Global, S.L., e a sua reprodução total ou parcial, não autorizada, é totalmente proibida, de acordo com os termos da legislação em vigor. Os contraventores serão perseguidos legalmente, tanto a nível nacional como internacional. O uso, cópia, reprodução ou venda desta revista só poderá realizar-se com autorização expressa e por escrito da Zinet Media Global, S.L.

Archaeology at the Geological Museum of LNEG – Lisbon

João Luís Cardoso

Abstract

The archaeological activity of the current National Energy and Geology Laboratory (LNEG), the legitimate heir to a long and prestigious scientific tradition, dates back to 1857, the year in which the 2nd Geological Commission of Portugal was founded. From the very beginning, it took on the research of one of the most controversial issues that filled the debates of scientific societies throughout the second half of the 19th century: the demonstration of the antiquity of the human species, which was then one of the main concerns of Western science.

Today, in addition to the explanatory news of the Geological Map of Portugal at a scale of 1/50,000, where archaeology continues to be represented, the Institution's activity in the field of Archaeology continues to be relevant, supporting the research work carried out at the Museum, which continues to be highly sought after by national and foreign specialists, as well as by students at various levels of education and the general public.

Keywords: Geological Museum of LNEG; archaeology; Lisbon; Portugal

A ARQUEOLOGIA NO MUSEU GEOLÓGICO

do LNEG - lisboa

JOÃO LUÍS CARDOSO
Investigador-Coordenador convidado
do ICArEHB (Universidade do
Algarve). Coordenador do CEACO
(Câmara Municipal de Oeiras)

Antecedentes históricos. A atividade arqueológica do presentemente designado Laboratório Nacional de Energia e Geologia (LNEG), legítimo herdeiro de uma longa e prestigiosa tradição científica, ascende a 1857, ano em que foi fundada a 2.^a Comissão Geológica de Portugal. Logo de início, tomou em mãos a investigação de uma das mais controversas questões que preencheu os debates das sociedades científicas ao longo de toda a segunda metade do século XIX: a demonstração da antiguidade da espécie humana, que constituía então uma das principais preocupações da ciência ocidental. Com efeito, para o esclarecimento desta questão era incontornável o contributo da Geologia e, em particular, da Estratigrafia e da Paleontologia, por via de demorados estudos de terreno então empreendidos.

Assim se compreende a importância que à questão foi conferida, também em Portugal, por parte dos dois membros co-diretores da 2.^a Comissão Geológica (1857-1868), sob a égide de Carlos Ribeiro (1813-1882) e de Pereira da Costa (1808-1888), coadjuvados por J. F. Nery Delgado (1835-1908). Com a reorganização desta Comissão, logo no ano seguinte, em 1869, mas apenas sob a direção de Carlos Ribeiro, os trabalhos no campo da Arqueologia pré-histórica prosseguiram, conhecendo o seu ponto mais alto, a nível de visibilidade pública internacional em 1880, com a realização, em Lisboa, da IX Sessão do Congresso Internacional de Arqueologia e de Antropologia Pré-Históricas (Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques), em Setembro de 1880. A notável atividade destes pioneiros, cujos resultados rapidamente se projetaram a nível internacional, ainda hoje pode ser comprovada pela observação de muitos dos materiais arqueológicos recolhidos



Vista geral da Sala de Arqueologia do Museu Geológico do LNEG. Foto de João Luís Cardoso.



Em cima: à esquerda, Carlos Ribeiro (1813-1882), ao centro, Francisco António Pereira da Costa (1808-1888) e à direita, Joaquim Filipe Nery da Encarnação Delgado (1835-1908). Imagens do arquivo de João Luís Cardoso.



IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-histórica, realizado em Lisboa em Setembro de 1880. Fotografia de conjunto dos congressistas tirada no terraço da Academia das Ciências de Lisboa. Arquivo de João Luís Cardoso.

ao longo de toda a segunda metade do século XIX, conservados e em parte expostos na sala de Arqueologia do Museu Geológico do LNEG.

A diminuição da produção no domínio da Arqueologia pré-histórica, verificada no final do século XIX, acentuou-se nas primeiras décadas do século XX, apesar de esta atividade científica estar salvaguardada na Lei Orgânica de 1918, que fixou a designação da instituição em Serviços Geológicos de Portugal, mantida até quase ao final do século.

A partir de 1940, com o ingresso na Instituição de Georges Zbyszewski (1909-1999) e, mais tarde, de Octávio da Veiga Ferreira (1917-1997), a atividade da Instituição no domínio da Arqueologia pré-histórica ressurgiu, destacando-se o primeiro no estudo das indústrias paleolíticas dos terraços fluviais do baixo Tejo e das praias levantadas do litoral, de início em colaboração com o eminente pré-



Georges Zbyszewski (1909-1999) fotografado à entrada da Gruta Nova da Columbeira (Bombarral), no decurso das escavações ali realizadas em 1962. Arquivo de João Luís Cardoso (fundo Octávio da Veiga Ferreira).

-historiador francês H. Breuil, que permaneceu em Portugal entre Junho de 1941 e Novembro de 1942.

Quanto a O. da Veiga Ferreira, a sua extraordinária atividade conduziu-o à descoberta, no decurso dos levantamentos geológicos a que procedeu, integrado na brigada dirigida por G. Zbyszewski, de inúmeras estações e monumentos pré-históricos, de todas as épocas, que explorou, em geral recorrendo a colaboração proporcionada por equipas de trabalho que soube motivar e orientar, naquela que, informalmente era justamente designada, nas décadas de 1960 e de 1970, por «escola arqueológica dos Serviços Geológicos».

Com o afastamento da Instituição, por limite de idade, em 1979 e em 1986, daqueles dois eminentes geólogos e pré-historiadores, a Instituição viria a abando-



Octávio da Veiga Ferreira (1917-1997) fotografado no decurso da escavação do dólmen de Monte Serves. Vila Franca de Xira. Arquivo de João Luís Cardoso (fundo Octávio da Veiga Ferreira).

nar, por falta de meios e de especialistas, a atividade arqueológica que, desde a sua fundação, tão relevantes serviços prestou no quadro do conhecimento do passado pré-histórico do território português.

Atualmente, para além das notícias explicativas da Carta Geológica de Portugal à escala de 1/50 000, onde a arqueologia continua a estar representada, a atividade da Instituição no âmbito da Arqueologia, continua a ser relevante, apoiando os trabalhos de investigação desenvolvidos no Museu, o qual continua a ser muito procurado por especialistas, nacionais e estrangeiros bem como pelos alunos de vários graus de ensino e pelo público em geral. Tal procura encontra facilmente explicação pelas notáveis peças arqueológicas pré-históricas que integram o seu espólio (incluindo arqueologia mineira do período romano), frequentemente emprestadas para exposições externas, tanto nacionais como internacionais, a par do interesse museológico que reveste a própria instalação museológica em si mesma, conservando as características de um grande museu oitocentista de História Natural, bem preservado em todos os seus pormenores. Tal foi uma das razões para que este espaço tivesse entretanto sido classificado como de Interesse Público, integrando presentemente a Rede Portuguesa de Museus.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE A COLEÇÃO EXPOSTA

Importa salientar, ainda que sumariamente, diversos núcleos temáticos que refletem as áreas científicas a que os diversos investigadores da Instituição se dedicaram:

1 - Os «eólitos»

A questão científica do «Homem terciário» foi uma das que maior visibilidade e celebridade deu à instituição, mercê dos trabalhos desenvolvidos por Carlos Ribeiro e, depois, por Nery Delgado. Encontram-se expostas algumas das peças pretensamente trabalhadas e por eles recolhidas na bacia terciária do Tejo, em especial na região de Ota, Alenquer.

2 - O Paleolítico dos arredores de Lisboa.

As primeiras peças desta vasta mancha de estações paleolíticas, que se desenvolve em torno de Lisboa, hoje quase completamente desaparecidas, foram recolhidas por Carlos Ribeiro, na região de Loures (Santo Antão do Tojal). Mais tarde, as colheitas de Joaquim Fontes na estação de Casal do Monte, a mais importante deste complexo conjunto de estações, a que se somaram as obtidas por H. Breuil e G. Zbyszewski, vieram a enriquecer as coleções, que se encontram expostas na íntegra.

3 - As coleções de indústrias de base macrolítica, paleolíticas e epipaleolíticas

Mercê do aludido trabalho de colaboração desenvolvido entre G. Zbyszewski e Henri Breuil, foi possível estudar sistematicamente os depósitos quaternários do baixo vale do Tejo, especialmente significativos na região de Alpiarça, onde se recolheram *in situ* numerosos exemplares de bifaces acheulenses, de belo recorte clássico; da mesma forma, as cascalheiras que, a altitudes decrescentes, se escalonam ao longo do litoral da Estremadura, proporcionaram a recolha de materiais

sobre pequenos seixos de quartzito, de trabalho sumário, com características próprias, que justificaram a criação de novos termos da nomenclatura arqueológica portuguesa, os de «lusitaniano» e de «micro-lusitaniano», utilizados para as designar.

As pesquisas de Georges Zbyszewski e Henri Breuil, com o apoio de Abel Viana, Afonso do Paço e, mais tarde, Octávio da Veiga Ferreira, foram depois estendidas ao litoral minhoto, com a recolha de notáveis materiais fini e pós-paleolíticos de tipo asturiense, bem como ao litoral baixo-alentejano, onde se identificaram certos artefactos específicos dessa região, com idêntica cronologia, como os machados mirenses, nome derivado do rio Mira, junto de cujo estuário foram pela primeira vez identificados.

4 - Faunas plistocénicas

Concomitantemente com a investigação das mais antigas presenças humanas, certas estações, tanto de ar livre (como os terraços de Santo Antão do Tojal ou do rio Cértima, junto a Mealhada) como, sobretudo, as grutas do Maciço Calcário Estremenho, exploradas em diversas épocas, forneceram inúmeros restos de espécies de grandes e médios mamíferos, nalguns casos extintas, como o hipopótamo, o elefante, o rinoceronte a hiena das cavernas, o leopardo, o leão das cavernas, entre outras, cujos exemplares mais representativos se encontram expostos. Merece destaque o notável conjunto faunístico recolhido por Nery Delgado na gruta da Furninha (Peniche), escavada em 1879, em parte associados a materiais do Mustierense, produzidos pelos Neandertais, e do Solutrense, produzidos pelos primeiros humanos anatomicamente modernos.

5 - Indústrias do Paleolítico Superior

É escassa a coleção da Instituição. Merecem destaque as belas peças (pontas de Parpalló) recolhidas no século XIX por Nery Delgado na gruta da Casa da Moura (Cesareda) e por Carlos Ribeiro nas grutas do Poço Velho (Cascais), a que juntam as obtidas por O. da Veiga Ferreira e J. Camarate França na gruta das Salemas (Loures), na década de 1960. Entre estas últimas, salienta-se a existência de uma bela zagaia afeiçãoada em um osso peniano de Urso (*Ursus arctos*), além de belas pontas de Parpalló e de tipo cantábrico («*pointes à cran*»).

6 - Concheiros mesolíticos de Muge.

Localizados ao longo de ambas as margens das ribeiras de Magos e de Muge, tributárias da margem esquerda do rio Tejo, pertencem ao Período Atlântico, situando-se entre cerca de 6500 e 5100 cal. BC. Correspondem a notáveis acumulações de conchas estuarinas, indício de que, à época, as águas salobras atingiam a região, de mistura com restos faunísticos de mamíferos selvagens. Salienta-se a presença de enterramentos humanos nas próprias acumulações de origem antrópica, denotando rituais funerários rudimentares (uso do ocre vermelho, em especial), bem como testemunhos de cabanas e de outras estruturas domésticas (silos), a par de uma abundante indústria microlítica, representada por geométricos, onde se destacam os bem conhecidos «triângulos de Muge», de forma muito estreita e alongada, com espinha longitudinal bem marcada. Dos mais de 300



Vista de uma das vitrines da Sala de Arqueologia do Museu Geológico do LNEG, observando-se restos antropológicos recuperados nas escavações dos concheiros de Muge. Foto de João Luís Cardoso.

esqueletos recolhidos desde o início das escavações, em 1863, conserva o Museu Geológico alguns em exposição, a par de muitas outras evidências da atividade humana ali desenvolvida; tal realidade, faz do Mesolítico de Muge um dos mais importantes núcleos conhecidos das últimas comunidades de caçadores-recoletores a nível europeu.

7 - Necrópoles neolíticas em grutas do Maciço Calcário Estremenho e áreas limítrofes

O Museu possui notável acervo de materiais de necrópoles aproveitando cavidades cársicas naturais existentes no Maciço Calcário da Estremadura, exploradas em sucessivas épocas, desde os primórdios da Instituição. Merecem destaque os espólios das grutas da Nascente do rio Almonda, com cerâmicas cardiais de tipo clássico. À atividade dos pioneiros se deve a exploração e a recolha de materiais neolíticos notáveis, que se encontram expostos, nas grutas da Casa da Moura (Cesareda), da Furninha (Peniche), do Carvalhal de Turquel (Alcobaça), de onde provém notável vaso zoomórfico em forma de suídeo, da Ponte da Laje (Oeiras) e do Poço Velho (Cascais). Destaca-se a presença de grandes lâminas foliáceas de sílex (alabardas), sendo notáveis as recolhidas na gruta da Casa da Moura, de vasos do Neolítico Antigo e das célebres placas de xisto características do ter-



Vaso em forma de suídeo. Gruta do Carvalhal de Turquel. Alcobaça. Museu Geológico do LNEG. Foto de João Luís Cardoso.



Alabarda de sílex magnificamente executada. Gruta da Casa da Moura. Peniche. Museu Geológico do LNEG. Foto de João Luís Cardoso.

Duas placas votivas funerárias, uma de micaxisto (à esquerda), com a representação dos olhos da divindade, outra de xisto, com decoração geométrica incisa (à direita). Gruta da Furninha. Peniche. Museu Geológico do LNEG. Foto de João Luís Cardoso.

ritório português, com decorações geométricas gravadas, como as recolhidas nas grutas da Casa da Moura e da Furninha, em escavações realizadas sob direção de Nery Delgado.

8 - Grutas artificiais da Quinta do Anjo (Casal do Pardo, Palmela).

Trata-se de um conjunto funerário constituído por quatro hipogeus escavados nas rochas carbonatadas brandas do Miocénico que localmente afloram, constituindo pequeno cabeço. Escavadas primeiramente em 1876 por António Mendes, sob a égide de Carlos Ribeiro, são constituídas por um átrio, a que se segue um corredor em forma de saco mais ou menos longo,

dando acesso a câmaras de planta circular com teto abobadado, comunicando com a superfície por meio de clarabóia.

Estes monumentos tornaram-se internacionalmente conhecidos após a publicação em 1886 da obra de É. Cartailhac «Les Âges Préhistoriques de la Péninsule Ibérique», na qual se publicam alguns dos materiais ali recolhidos, com destaque para as taças de bordo espessado e decorado – as taças de tipo Palmela – e para as pontas de cobre com espigão,



Pormenor de uma taça Palmela, com o lábio aplanado e o bojo profusamente decorados. Necrópole de grutas artificiais de Casal do Pardo. Palmela. Sem indicação de gruta. Museu Geológico do LNEG. Arquivo de João Luís Cardoso (fundo Octávio da Veiga Ferreira).

Mobiliário funerário de época epicampaniforme, constituído por um punhal de lingueta e por duas pontas Palmela, de cobre. Montelavar. Sintra. Museu Geológico do LNEG. Foto de João Luís Cardoso.



que a partir de então passaram a designar-se internacionalmente por «pontas de tipo Palmela», também recolhidas a par de outras armas, como os punhais de lingueta em outras sepulturas cujos espólios, são caraterísticos do Complexo Campaniforme.

No conjunto, os materiais exumados mostram que a época de construção destes sepulcros – com paralelos em outros conjuntos a norte do Tejo, dos quais os mais célebres são os de Alapraia (Cascais) e de Carenque (Amadora) – se insere ainda no Neolítico Final, correspondente aos últimos séculos do IV milénio BC, conhecendo depois sucessivas reutilizações, no decurso de todo o milénio seguinte, a que corresponde a seleção de materiais expostos.

Uma outra gruta artificial aparentemente isolada foi explorada por Carlos Ribeiro na Granja do Marquês (Sintra) e por ele publicada em 1880. Do espólio exposto, avultam os cilindros de calcário, dos quais um, possui notável decoração com a representação lunar, indício de que o culto respetivo remonta àquela época, no decurso do 3.º milénio a.C.

9 - Monumentos megalíticos dos arredores de Lisboa

De alguns dos dólmenes, constituídos por grandes lajes calcárias, explorados e publicados por Carlos Ribeiro em 1880 (Pedra dos Mouros, Monte Abraão e Estria, entre outros), bem como os explorados em épocas mais modernas, como o conjunto megalítico de Trigache (Odivelas) e o dólmen de Casaínhos, já na década de 1960 (por V. Leisner, O. da Veiga Ferreira e G. Zbyszewski) provêm belas peças que se encontram expostas. A estes, juntam-se o espólio do monumento de falsa cúpula do Monge (*tholos*), no alto da serra de Sintra, também explorado por Carlos Ribeiro, bem como o notável conjunto do monumento complexo da Praia das Maças (Sintra), explorado por V. Leisner, O. da Veiga Ferreira e G. Zbyszewski.

10 - Povoados pré-históricos

Por comparação com os conjuntos funerários, os materiais oriundos de povoados estão muito escassamente representados, o que se explica, dadas as limitações vigentes, que não comportavam explorações de campo prolongadas, como as exigidas na exploração de um povoado pré-histórico. As peças expostas resultaram,

em geral, de recolhas de superfície, o que não impediu que tenham dado origem a importantes estudos, como o dedicado ao povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras), descoberto e publicado por Carlos Ribeiro, em 1878, constituindo a primeira monografia relativa a um povoado pré-histórico do território português.

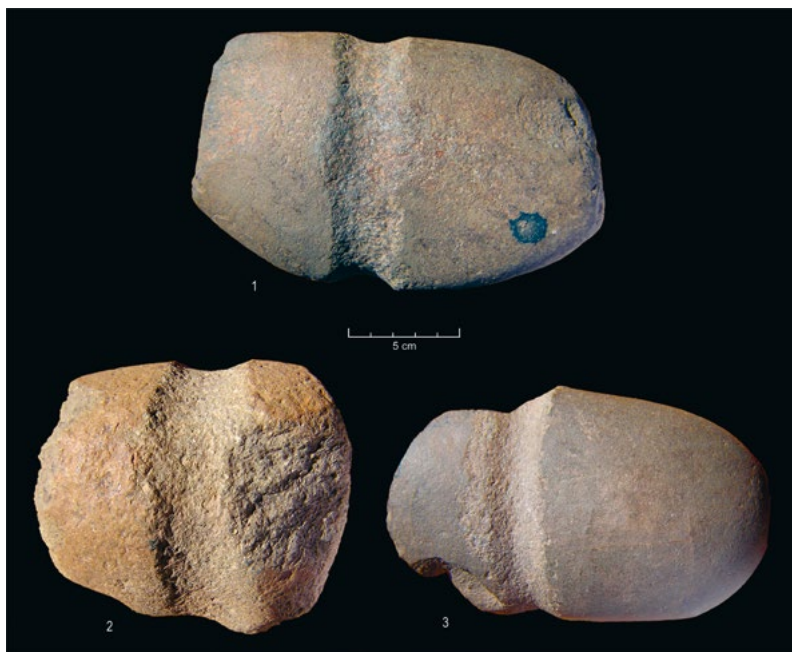
II - Peças pré-históricas isoladas e outros monumentos.

Mercê do trabalho incessante dos geólogos/arqueólogos pioneiros da Comissão Geológica e dos seus sucessores do século XX, resultaram inúmeros achados de peças isoladas, de recolhas de superfície ou de escavações circunscritas (especialmente em monumentos dolménicos do Alentejo e das Beiras), das quais as mais importantes se encontram expostas. É o caso dos grandes artefactos de pedra polida, cuja utilização se desconhece, recolhidos perto de Mafra no século XIX, a que se junta a bela alabarda de Tipo Carrapatas recolhida perto de Vimioso e publicada por Nery Delgado, conjuntamente com espólios funerários pré-históricos recolhidos nas grutas ali existentes. De Alcaria (Monchique) provém rara navalha de barbear, do Bronze Final (o primeiro de apenas dois exemplares conhecidos em território português), publicada por O. da Veiga Ferreira, A. Viana e J. Formosinho.

Por último, entre o acervo pré-histórico da Instituição, merece destaque o espólio exumado no notável monumento funerário de corredor e falsa cúpula (*tholos*)



Percutores de basalto, para exploração subterrânea do sílex, recuperados em galeria posta acidentalmente a descoberto aquando da abertura do túnel do Rossio, na entrada do lado de Campolide. Lisboa. Alguns evidenciam crostas calcíticas, formadas no decurso da sua permanência no interior da galeria. Museu Geológico do LNEG. Foto de João Luís Cardoso.



Martelos mineiros pré-históricos. Mina de cobre de Ruy Gomes. Moura. Museu Geológico do LNEG. Foto de João Luís Cardoso.

da Roça do Casal do Meio (Sesimbra), correspondente a uma das raras ocorrências de tumulação pelo ritual da inumação do Bronze Final, reaproveitando uma *tholos* calcolítica das várias existentes na região ou, em alternativa, recorrendo à construção de um monumento funerário de raiz, que, deste modo, se afigura único no seu género no território peninsular.

12 - Arqueologia mineira

Além das peças encontradas em galeria pré-histórica de exploração de sílex, cortada aquando da construção do túnel ferroviário do Rossio e publicadas por P. Choffat em 1889, ou da exploração do cobre como é o caso dos martelos mineiros recolhidos na mina de Ruy Gomes (Moura) e publicados por Pereira da Costa é de realçar o notável conjunto de materiais de época romana provenientes das minas de Aljustrel e de S. Domingos. Destaca-se uma alpergata e um gorro de esparto, artefactos de madeira (maço, escadas) e de ferro utilizados na mineração.

Acima de todas, destaca-se célebre placa de bronze contendo legislação mineira do século I d.C. recolhida em 1876 nos escoriais romanos da mina dos Algarres (Aljustrel) e estudada, entre outros, nesse mesmo ano, pelo grande arqueólogo algarvio S. P. M. Estácio da Veiga, que a publicou em 1880. ■

LNEG

Museu Geológico
Rua da Academia das Ciências N° 19-2° – 1249-280 Lisboa. Tel: 213463915
<http://www.lneg.pt> [MuseuGeologico.lneg.pt](http://www.lneg.pt)
museugeol@lneg.pt